

E, afinal de contas, o tempo apresentava-se magnífico. Dia mais perfeito para um *garden-party*, nem de encomenda: sem vento, quente, nem uma nuvem no céu. Apenas um ligeiro véu doirado toldava o azul, como acontece por vezes no início do Verão. O jardineiro tinha-se levantado de madrugada para aparar e varrer a relva, com tal perfeição que as manchas verdes e as rosetas negras onde tinham estado as margaridas pareciam brilhar. Quanto às rosas, como não pensar que compreendiam ser as únicas flores a impressionar os humanos nos *garden-parties*? São as únicas que toda a gente tem a certeza de conhe-

cer. Numa só noite tinham desabrochado centenas de rosas, sim, literalmente, centenas de rosas: os maciços verdes curvavam-se para o chão como se tivessem sido visitados pelos anjos.

Ainda estavam a tomar o pequeno-almoço quando chegaram os homens para instalar o toldo.

«Onde quer que se ponha o toldo, mãe?»

«Minha querida filha, não vale a pena perguntares-me. Este ano decidi deixar-vos tudo entregue a vós, minhas filhas... Esquece que sou tua mãe. Trata-me como um convidado de honra.»

Mas Meg não podia, de maneira nenhuma, ir orientar os homens: tinha acabado de lavar o cabelo antes do pequeno-almoço e estava sentada a tomar café com um turbante verde e uma melena a escorrer em cada face. Quanto a Jose, a borboleta, vinha sempre para baixo com um saiote de seda e um casaco de quimono.

«Tens de ir tu, Laura; és a artista da família.»

E lá foi Laura voando, ainda com um pedaço do pão com manteiga na mão. Era delicioso ter um pretexto para vir comer cá para fora e, além disso,

ela adorava encarregar-se de certas tarefas; sentia sempre que era capaz de fazer as coisas melhor do que ninguém.

Um grupo de quatro homens em mangas de camisa aguardava no caminho do jardim. Sobravavam estacas cobertas com grandes rolos de lona e traziam às costas grandes malas de ferramentas. Tinham um aspecto que impressionava. Laura desejou naquele momento não estar com o pão na mão, mas não havia sítio para o pôr e não podia de maneira nenhuma deitá-lo fora. Corou ao aproximar-se deles, e tentou fazer um ar de pessoa austera e grave e até um pouco curta de vistas.

«Bom dia», disse, imitando a voz da mãe. Mas saiu-lhe um som tão terrivelmente afectado que ficou envergonhada e balbuciou como uma menina: «Oh... ah... vieram... é por causa do toldo?»

«É, sim, menina», disse o mais alto dos quatro, um homem magro e sardento, que deslocou a mala das ferramentas, deu um piparote para trás no chapéu de palha e começou a sorrir-lhe: «É por causa do toldo.»

O sorriso do homem era tão natural e tão amigável que Laura ganhou nova coragem. Que bonitos olhos o homem tinha, pequenos, mas de um azul tão profundo! E, ao olhar para os outros três, viu que também sorriam: «Anime-se, que não mordemos», pareciam dizer os seus sorrisos. Que trabalhadores simpáticos! E que manhã mais bonita! Não devia pôr-se a falar da manhã; tinha de arvorar um ar profissional. O toldo.

«Então e que tal o canteiro de lilases? Ficaria bem?»

E apontou para o canteiro de lilases com a mão livre. Voltaram-se e fitaram o local que ela indicava. Um dos sujeitos, baixo e gordo, espetou o lábio inferior, enquanto o companheiro alto franzia o sobrolho.

«Não me agrada», disse ele. «Não sobressai. Compreende, nestas coisas de toldos», disse, virando-se para Laura, com os seus modos espontâneos, «quer-se um sítio que dê bem nas vistas dos maganos, não sei se a menina me está a perceber.»

A educação que Laura tinha recebido levou-a a cismar, por momentos, se seria muito correcto da parte de um operário falar-lhe de toldos que dão bem nas vistas dos maganos. Mas que o percebia, percebia: disso não havia dúvidas.

«Talvez num canto do *court* de ténis», sugeriu. «Mas a orquestra vai ficar lá instalada.»

«Ah, vai haver orquestra, pelos vistos!», disse outro dos operários. Era um homem pálido e fez um olhar vago quando os seus olhos passaram em revista o *court* de ténis. Em que estaria a pensar?

«Oh, é uma orquestra pequenina», disse Laura baixinho. Talvez ele não se importasse, se a orquestra fosse bastante pequena. Mas o sujeito alto interrompeu.

«Ora faça favor de ver, menina, ali é que deve ser. À beira daquelas árvores, ali. Serve perfeitamente.»

Junto aos louros-da-nova-zelândia. Mas assim os louros ficariam escondidos — e eram tão bonitos, com as suas folhas largas e brilhantes e os seus cachos de frutos amarelos. Eram como essas